

O grande tema esquecido

JORNAL DO BRASIL

Senado Federal

21 JUN 2002



VILLAS-BÔAS CORRÊA

REPÓRTER POLÍTICO DO JB

A data não podia ser mais azarada. Exatamente neste mês de convenções partidárias e da Copa do Mundo do Japão-Coréia do Sul, o presidente do Senado, senador Ramez Tebet, com o apoio e o aplauso da Mesa Diretora, resolveu comemorar, com programa ambicioso, o 111º aniversário da instalação, no dia 16 de junho de 1889, do Senado da República.

A série de caiporismo começou com a coincidência de a data histórica para a sessão solene, abrindo a badalação com agenda para um ano, cair num domingo. Ora, se os hábitos brasilienses encurtaram a semana de atividade parlamentar para dois, três dias úteis, seria imprudência, raspando na trave do ridículo, insistir em respeitar o calendário.

De nada adiantou. A sessão solene antecipada para a quarta-feira, dia 12, véspera do jogo da Seleção Brasileira contra a Costa Rica, passou em branco pela imprensa. Ou espremida em notas de uma coluna nas páginas internas, o que vem a dar no mesmo.

Era previsível o desinteresse popular por mais uma solenidade oficial, com a agenda recheada de discursos, no tom clássico da louvação à importância do Legislativo, peça insubstituível na engrenagem democrática.

As pesquisas, em coro,

registram os índices do desprezo da sociedade pela instituição que não tem feito muito para recuperar o seu respeito e estima. Certamente que a compreensível preocupação com a desgastada imagem do Congresso inspirou a presidência a valorizar mais um aniversário, que normalmente não sopraria as velas no bolo coberto de glacê. Afinal, não se trata de centenário ou de número redondo. Os 111 aninhos da veneranda matrona enfeitam os cabelos brancos com a curiosidade das três unidades em fila.

Mas, no impulso da lembrança, a Mesa esmerou-se em organizar programação ambiciosa, sem poupar criatividade nem verbas — que não pesam tanto na orgia da ganância.

Rodopiando em torno da idéia central de promover o debate sobre o papel do Senado, por extensão, do Legislativo na história do país e as suas perspectivas para os próximos anos, foi criada imponente comissão, coordenada pelo diretor do Instituto Legislativo Brasileiro (ILB), Florian Madruga, e presidida pelo diretor-geral, Agacieli da Silva Maia.

Em silêncio fecundo, os encarregados deram conta do recado, respeitando os limites da cautela. Entre correr o risco de cutucar em temas polêmicos, escaparam pelo largo portão das abordagens históricas para os seminários. Com a pompa e a solenidade dos títulos: o Senado Republicano na História do Brasil; o Senado e a Função Legislativa; o Senado, a Política Externa do Brasil e as Relações Internacionais; o Poder Legislativo e suas Perspectivas.

Ora, se a pretensão óbvia, que se esconde atrás da moita com a cauda de fora, é espanar o pó da rejeição da sociedade ao Poder mais exposto à vigilância e às críticas, lamento informar ao Senado que está faltando na pauta, para um ano de espaçados debates em vários seminários, exatamente a análise das causas da crise que corrói a sua credibilidade como cupim em madeira bichada.

Os ornatos da erudição são indispensáveis para o brilho da moldura. Só a moldura, sem o retrato fiel do homenageado, não vale o prego para pendurá-la na exposição para o público.

Se o Senado pretende mesmo esquentar o debate, atrair a cobertura da imprensa e forçar a repercussão nacional da reação moralizadora, ainda há tempo para abrir espaço ao tema livre da análise dos erros, das mordomias, dos escândalos, das vantagens, do empreguismo, do nepotismo que, a cada legislatura, se multiplicam com a fertilidade de ratos. Vícios de décadas e seus filhotes robustos. Do vexame dos dois gabinetes individuais às semanas de dois e três dias de trabalho. Das passagens aéreas para o parlamentar, que não mora onde devia, passar o fim de semana com a família. Das verbas para selos, telefones, para a contratação de parentes e cupinchas para as sinecuras nos duplos gabinetes.

Com tal agenda, a comemoração dos 111 anos da instalação do Senado da República será o grande acontecimento do ano. Mais emocionante do que as eleições e do que a Copa.

Basta a coragem de bulir no vespeiro do corporativismo.